

# Arthur Bispo do Rosário: a arte enquanto linguagem da esquizofrenia

## Arthur Bispo do Rosário: art as a language of schizophrenia

### Arthur Bispo do Rosário: el arte como lenguaje de la esquizofrenia

Ana Celma Dantas Lima<sup>1</sup>

Rejane Lucia Veiga Oliveira Johann

Universidade Federal de Sergipe

#### Resumo

Foi realizada uma análise de algumas obras de Arthur Bispo do Rosário através de uma revisão de literatura sobre sua vida, obra e transtorno mental. O artista sergipano viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, internado em uma instituição psiquiátrica com o diagnóstico de Esquizofrenia Paranóide. O presente trabalho verificou que a vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário se tornaram tão próximas que muitas vezes não podiam distinguir-se. Sua arte expressa uma tentativa de reorganização psíquica, como se observa em suas mandalas e nos trabalhos circulares, produções comuns em pacientes esquizofrênicos. Suas obras trazem também elementos da cidade natal como o bordado e a religiosidade. Nas suas produções, recriou o mundo conforme os seus delírios e trouxe sentido para a sua vida. Hoje, a vida e obra desse artista inspiram filmes, livros e o meio acadêmico ao redor do mundo.

*Palavras-chaves:* Arthur Bispo do Rosário; Arte; Esquizofrenia.

#### Abstract

It was made an analysis of some works of Arthur Bispo do Rosário through a literature review about his life, work and mental disorder. The sergipano artist has lived most of his life in Rio de Janeiro, interned in a psychiatric institution with a diagnosis of Paranoid Schizophrenia. This study found that the life and work of Arthur Bispo do Rosario became so close that often could not be distinguished. His art expresses an attempt to a psychic reorganization, as seen in his mandalas and circular works, common productions in schizophrenic patients. His works of art also bring elements from his hometown like embroidery and religiosity. In his productions, he recreated the world according to his ravings and brought meaning to his life. Today, the life and work of this artist inspire movies, books and academia around the world.

*Key-words:* Arthur Bispo do Rosário; Art; Schizophrenia.

#### Resumen

Se ha realizado un análisis de algunas de las obras de Arthur Bispo do Rosário por medio de una revisión de la literatura acerca de su vida, su trabajo y su trastorno mental. El artista sergipano vivió la mayor parte de su vida en Río de Janeiro, interno en un centro psiquiátrico con diagnóstico de esquizofrenia paranoide. Este estudio encontró que la vida y la obra de Arthur Bispo do Rosario se hicieron tan cercanas que a menudo no se podía distinguirse. Su arte expresa un intento de reorganización psíquica, como se ve en sus mandalas y trabajo circular, producciones comunes entre pacientes esquizofrênicos. Sus obras también aportan elementos de su ciudad natal como el bordado y la religiosidad. En sus producciones, ha recreado el mundo de acuerdo con sus delirios lo que trajo sentido a su vida. Hoy en día, la vida y la obra de este artista inspira películas, libros y la academia en todo el mundo.

*Palabras-clave:* Arthur Bispo do Rosário; Arte; Esquizofrenia.

#### Introdução

A Esquizofrenia é considerada uma doença mental que traz efeitos devastadores tanto para a vida do sujeito, como para a sua família (Razzouk & Shirakawa, 2001). Embora tal enfermidade venha sendo bastante estudada, ainda é um transtorno com etiologia desconhecida. Uma série de estudiosos busca identificar marcos biológicos que possam confirmar o transtorno, contudo, essa procura não tem obtido êxito. Por conta disso, atualmente, o diagnóstico continua a ser basicamente clínico (Pull, 2005; Razzouk & Shirakawa, 2001).

Buscou-se estudar tal enfermidade, tomando como base a história de um esquizofrênico que se tornou

reconhecido no mundo da arte. Trata-se de Arthur Bispo do Rosário. O Sergipano diagnosticado como esquizofrênico paranóide produziu um verdadeiro acervo artístico, durante os 50 anos em que ficou internado na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro. Conhecer sua biografia pode ajudar a entender o seu transtorno e o labirinto que foi sua vida. Arthur Bispo do Rosário utilizou-se da arte como uma forma de linguagem para o seu transtorno. Através de seus trabalhos, como chamava suas obras, Arthur Bispo do Rosário driblou as péssimas condições da instituição psiquiátrica, bem como as dores do transtorno mental que o acometia (Dantas, 2011; Hidalgo, 1996).

Diante do exposto, o presente trabalho objetiva fazer uma análise reflexiva de uma parte do acervo artístico de Arthur Bispo do Rosário, tomando como base a revisão de literatura sobre a sua vida, obra e transtorno mental. Assim, acredita-se que serão

Endereço 1: Rua Francisco Gumercindo Bessa, 271 Condomínio Premiere, Torre Evidence, Apto 502 Aracaju /SE CEP:49025-220 Bairro: Grageru

encontrados aspectos do seu passado no município de Japaratuba e da cultura Sergipana, bem como características da Esquizofrenia nas obras estudadas.

### **O labirinto de Arthur Bispo do Rosário**

Um dia eu simplesmente apareci no mundo. Era assim que o ex- marinheiro, ex-pugilista, negro, sergipano e esquizofrênico costumava falar sobre a sua origem. Trata-se de uma descrição simplista de um homem com uma história cheia de lacunas, que viveu no limite entre realidade, delírio e arte. Mais tarde, esse mesmo homem se tornaria internacionalmente reconhecido no mundo da arte. Eis: Arthur Bispo do Rosário (Aquino, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Athur Bispo do Rosário nasceu e viveu até boa parte da adolescência na cidade de Japaratuba no Estado de Sergipe. Nessa cidade, cresceu num contexto rico em religiosidade e cultura. Durante esse período, ele conviveu com as procissões, quadrilhas e desfiles; nos quais os participantes trajavam-se com vestes coloridas e bordadas. Nos rituais era comum a presença de bispos e rosários nas mãos das beatas (Aquino, 2011; Dantas, 2009).

Arthur Bispo do Rosário, ainda na adolescência, alistou-se na Escola de Aprendizes de Marinheiros de Sergipe. Inicialmente, trabalhou no setor de serviços gerais, como por exemplo, na manutenção da limpeza a bordo. Um ano depois, foi transferido para o Quartel Central de Marinheiros, na cidade do Rio de Janeiro. Dessa cidade, nunca mais partiu. (Aquino, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996). Dos seus 15 anos aos 23 anos, manteve-se na função de sinaleiro. Acreditava-se que na Marinha aprendeu a lutar boxe, experiência que posteriormente lhe daria o título de xerife na Colônia Juliano Moreira (Aquino, 2011).

Por volta de 1933, passou a trabalhar na Light (empresa responsável pela distribuição de energia elétrica na cidade do Rio de Janeiro) onde ocupou os cargos de lavador de bondes e borracheiro. Em 1935, sofreu um acidente de trabalho, uma contusão na perna esquerda. No ano seguinte, sofreu outro acidente ao pular de um ônibus em movimento. No dia 23 de fevereiro de 1937, foi demitido da Light, pois se recusou a cumprir ordens de um encarregado, bem como o ameaçou. Ainda nesse ano, conheceu o advogado Humberto Leone, que o representou juridicamente ao mover uma ação contra a Light. Naquela situação, Arthur Bispo do Rosário conseguiu não só uma indenização, mas também a amizade desse advogado, para o qual trabalhou mais tarde (Aquino, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

No casarão do Senhor Leone, exerceu todo tipo de trabalho doméstico, e tornou-se praticamente um membro da família. A mansão era localizada na Rua São Clemente; no bairro Botafogo no Rio de Janeiro. Nessa residência, com ar patriarcal, moravam os Leone: o chefe da família – o advogado José Maria

Leone; a senhora sua esposa – Auta Leone; seus nove filhos; três agregados e um considerável número de empregados (Aquino, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Em dezembro de 1938, afirmou ter visto Cristo no quintal da casa dos Leone acompanhado de sete anjos azuis. Depois dessa visão, seguiu perambulando pelas ruas por cerca de dois dias. Na sua procissão passou pela Igreja de São José e, por fim, pelo Mosteiro de São Bento, locais onde pretendia avisar sobre sua missão. Os monges, por sua vez, chamaram a Polícia Civil que o levou para o Hospício Nacional dos Alienados, localizado na Praia Vermelha em 22 de dezembro. No dia 25 de janeiro de 1939, foi transferido para a Colônia Juliano Moreira (Aquino, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996). Sua ficha na Colônia foi carimbada com o número 01662 e sua foto mostrava um homem forte, com o cabelo aparado, barba feita e um olhar incisivo. Ele foi alojado no Pavilhão 11 do Núcleo Ulisses Viana, onde estavam reunidos doentes considerados agressivos e perigosos. Arthur Bispo era considerado um deles, pois chegou bastante agressivo. Sua força física logo lhe proporcionaria um lugar privilegiado perante todos no Hospital (Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Arthur Bispo do Rosário costumava ser sério e limitar os diálogos, falando pouco. Na mansão dos Leone, contudo, pregava sobre o bem e mal; Deus e o diabo. Expunha também os seus discursos místicos, como quando relatava sobre a cruz luminosa que marcava as suas costas. Esse misticismo incomodava alguns membros da família e isso fez com o Senhor Humberto Leone o convidasse a morar em uma sala na sua clínica. Um dia, o senhor Humberto Leone o encontrou em frente de uma janela aberta e suspeitou que Bispo ele pudesse ter ideias suicidas. Em virtude de tal temor, inventou uma história romanceada para convencê-lo a voltar a se internar. Arthur Bispo do Rosário, com o ego inflado por conta da história que lhe fora contada, aceitou a recomendação e foi internado no Hospital Pedro II. Conforme recomendações médicas, foi transferido para a Colônia Juliano Moreira em 1948 (Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Enquanto estava na Colônia, Arthur Bispo do Rosário não esquecia dos Leone. Por esta razão, continuou frequentando a casa da família. Na década de 50, perambulou entre a Colônia e a casa dos Leone, período que aproveitou também para buscar novos materiais para os seus trabalhos.

Arthur Bispo do Rosário se instalou na clínica dos Leone em outros momentos de sua história de idas e vindas. Nesse local continuou reconstruindo o mundo com suas obras. Durante o seu trabalho como vigia na clínica, criticava severamente a conduta das enfermeiras, as quais considerava pecadoras e impuras. Em virtude dessa conduta, foi convidado a voltar para a Colônia Juliano Moreira. Arthur Bispo

do Rosário, por sua vez, aceitou sem questionar, porém não sem derramar lágrimas (Dantas, 2009, p.35; Hidalgo, 1996). Em relação às suas obras, foram necessários dois caminhões para transportá-las da Clínica até a Colônia Juliano Moreira (Dantas, 2009).

Em 1964, Arthur Bispo do Rosário retornou definitivamente para a Colônia, onde permaneceu até o fim dos seus dias. No dia 5 de julho de 1989, morreu Arthur Bispo do Rosário aos 79 anos. Segundo laudos médicos, sua morte foi causada por Infarto do Miocárdio, Arteriosclerose e Broncopneumonia. Suas obras foram recolhidas e organizadas. Logo depois, ficaram sob os cuidados do Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea; e hoje, representam o Brasil em exposições por todo o mundo (Aquino, 2011; Hidalgo, 1996).

### **Na arte e no delírio, Arthur Bispo do Rosário fez-se Rei**

Durante o período em que esteve internado, Arthur Bispo do Rosário retirou-se do círculo dos vícios e buscou um refúgio para a reconstrução de um novo mundo. Mundo esse só de ouro, prata e bronze, apenas com planícies, sem doenças mentais, violência, muito menos, sofrimento. Como foi apontado anteriormente, os médicos lhe atribuíam um diagnóstico de Esquizofrenia Paranóide, e entre seus sintomas delírios místicos e de grandeza. Ele, contudo, afirmava que obedecia a ordens celestes. A sua prática poder-se-ia denominar de terapia, desígnios divinos ou ainda urgência existencial. O que se sabe, de fato, é que através dos seus trabalhos, Arthur Bispo do Rosário ergueu o seu castelo (Hidalgo, 1996).

A princípio, tratava-se de um anônimo, mais um esquecido no mundo asilar. Arthur Bispo do Rosário precisou driblar as condições subumanas da Colônia Juliano Moreira e, assim recriar um novo mundo não só para Deus, mas também para se salvar das trevas do ambiente asilar. Pouco tempo depois, suas obras começaram a ser reconhecidas e, a sua cela passaria a receber visitantes que iam desde familiares de outros internos, até artistas interessados no seu talento (Corrêa, 2011; Hidalgo, 1996).

Arthur Bispo do Rosário, ex-pugilista, destacou-se também dentro da Colônia Juliano Moreira por sua força física. Os funcionários e médicos contaram com o seu apoio para conter os internos mais violentos e todos os que desobedecessem as ordens do Hospital. O seu bom comportamento e a sua nova função lhe trouxeram o status de xerife ou faxina, como era chamado por muitos funcionários e pacientes. O paciente interno, artista e amigo dos funcionários se mostrava, contudo, rebelde no quesito medicação, para a infelicidade da classe médica. Arthur Bispo do Rosário se recusava a tomar os remédios, uma vez que eles o impediam de produzir. O rei dos reis - como se referia a si mesmo - não podia parar de construir o novo mundo, afinal o dia da transformação

se aproximava cada vez mais (Corrêa, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Nascido em uma cidade predominantemente católica, Arthur Bispo do Rosário cultivava alguns hábitos pregados por tal religião. Ao longo do ano, passava por períodos de auto-exílio, momentos em que também praticava o jejum. Do mesmo modo, quando estava se transformando, ou seja, quando estava à beira de uma crise provocada por seu transtorno mental, pedia aos funcionários da Colônia que o isolassem. Nessas fases, a arte se multiplicava (Corrêa, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

O material utilizado por Arthur Bispo do Rosário consistia basicamente de sucata que ele mesmo recolhia nas suas andanças pelo Rio de Janeiro. Mais tarde, receberia doações dos visitantes de outros internos e dos funcionários que simpatizavam com a sua causa. Dentre tais materiais, um se destacava: a linha azul desfiada da farda utilizada pelos internos da Colônia. Enquanto isso, artistas norte americanos também se utilizavam de sucatas para produzir arte, porém com um objetivo distinto do de Arthur Bispo do Rosário, a saber: criticar a sociedade de consumo (Corrêa, 2011; Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Durante 50 anos, Arthur Bispo do Rosário construiu o seu acervo em uma cela que tomou ares de galeria de arte. Na sua solidão, sem materiais e facilitadores, produzia objetos. Quem percorre o seu mundo artístico, se depara com assemblages (uma espécie de mural de madeira com objetos devidamente empilhados e fixados), cetros, objetos de madeira, objetos revestidos com fios - orfas - e muitos bordados (Corrêa, 2011; Dionisio, 2012; Hidalgo, 1996).

### **Relação existente entre vida e obra**

Arthur Bispo do Rosário ficou internado na Colônia Juliano Moreira por 50 anos. Durante esse período, se manteve muitas vezes distante da rotina de vida no hospital psiquiátrico, a fim de se concentrar numa missão divina: Recriar o mundo (Aquino, 2011; Corrêa, 2011; Hidalgo, 1996). Arthur Bispo viveu um paradoxo, uma vez que estava simultaneamente no caos e numa tentativa de reorganizar o mundo (Borges, 2008; Maciel, 2002). O artista internado realizou um verdadeiro trabalho de catalogação, a fim de representar o mundo através de miniaturas; bordados e assemblages; totalizando mais de 800 trabalhos, hoje considerados obras de arte (Aquino, 2011; Hidalgo, 1996).

A confecção de suas assemblages contava com o uso de embalagens de desodorantes, detergentes, de amaciante e até de cerveja. Em uma de suas obras utilizou uma série de marcas de sabonete, como Palmolive, Gessy, Lux e Cinta azul. Suas assemblages representavam o mundo e traziam uma explicação minuciosa das coisas (Hidalgo, 1996). Esses objetos eram devidamente colados e empilhados numa prática típica do colecionismo, com ares de obsessão em

organizar o mundo (Maciel, 2002). Arthur Bispo do Rosário, aparentemente, pretendia ordenar coisas iguais no mesmo espaço. Segundo Maciel (2002), qualquer tentativa de apreensão totalizadora do mundo se depara com algum tipo de desordem. Autores como Silveira (1981) defendem que a arte é um instrumento para o desenvolvimento da consciência humana. As atividades artísticas permitem que o homem reconheça e fixe as coisas significativas, tanto em relação à suas experiências internas, como as externas. Nesse sentido, Arthur Bispo do Rosário, imerso no caos, buscou reorganizar o mundo para dar sentido a sua própria realidade.

Entre os muitos materiais que utilizava, a madeira era recorrente em grande parte de suas obras. Além deste, recorria também ao papelão. Depois de escolher sua matéria-prima, Arthur Bispo do Rosário a cobria com linhas azuis desfiadas da sua farda, ou ainda dos lençóis da Colônia Juliano Moreira. Por conta disso, algumas de suas obras tinham como cores temáticas o azul e o branco. Mais tarde, seus amigos passariam a comprar diferentes cores e tipos de linhas para suas obras (Hidalgo, 1996).

Arthur Bispo do Rosário teve seu desenvolvimento influenciado por sua história e cultura, o que se verifica nos temas de suas obras (Corrêa, 2011; Hidalgo, 1996). Conforme foi exposto no texto, sua cidade natal, Japarutuba, tem uma tradição cultural e folclórica bastante expressiva. Arthur Bispo do Rosário durante sua infância e adolescência provavelmente conviveu com o Reisado, a Taieira e a Chegança, manifestações culturais onde há cânticos e dança. Na Taieira, por exemplo, estão presentes duas rainhas com seus guarda-sóis e cetro. Arthur Bispo do Rosário apresentava uma admiração especial pela figura das misses, as quais pode ter associado às rainhas da Taieira. Ele via revistas e jornais que traziam fotos e notícias sobre as misses. Construiu cetros, criava e bordava faixas em homenagem às suas majestosas musas. Dentre as frases bordadas, encontravam-se nomes como Miss Amazônia, Miss Pará e Miss Brasil (Hidalgo, 1996).

A arte de bordar estava presente em muitas das obras, principalmente nos mantos e fardões que ele mesmo confeccionava. Nos mantos, por exemplo, Arthur Bispo do Rosário costumava bordar o nome de pessoas que iriam se salvar do dia do juízo final. Acredita-se que a prática de bordar tenha sido uma herança do seu passado na cidade de Japarutuba, famosa por sua tradição em bordados (Hidalgo, 1996; Prefeitura Municipal de Japarutuba, 2009). De alguma forma, tal influência permaneceu no inconsciente de Arthur Bispo do Rosário, que se dedicou a produção de objetos, hoje classificados como arte contemporânea (Aquino, 2011; Hidalgo, 1996).

Em meio a um acervo artístico tão vasto, uma obra destaca-se pela sua grandiosidade e riqueza de detalhes: O Manto da Apresentação. Trata-se de

uma vestimenta confeccionada durante cerca de 30 anos para ser usada no dia da apresentação ao Reino dos céus (Figueiredo, 2010; Hidalgo, 1996). Arthur Bispo do Rosário utilizou um cobertor avermelhado e o preencheu de bordados, que representam variados objetos. A peça tem o acabamento feito de franjas, bem como apresenta cordas e fitas coloridas que lhe caem por cima. Ilustrações dessa e de outras obras podem ser encontradas em sites na internet, catálogos de obras artísticas, bem como nos livros Arthur Bispo do Rosário: O senhor do Labirinto, de autoria da jornalista Luciana Hidalgo, e no livro Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio, cuja autora é Marta Dantas.

Arthur Bispo do Rosário apresentava uma obsessão por catálogos, enumerações, mapas e nomenclaturas. Assim, ele transformava o mundo numa enorme enciclopédia (Maciel, 2002). O Manto da Apresentação pode ser considerado uma obra de catalogação, uma vez que traz a representação de uma série de objetos presentes no mundo através dos seus bordados, a saber: uma mandala, jogos de xadrez, cadeado, bicicleta, avião, coração, trilho de trem, ringue de boxe, números ordinais e cardinais, um globo, um tipo de navio, peças de dominó, algumas letras soltas e palavras ordenadas, como por exemplo, a frase: em meu nome, entre outros (Hidalgo, 1996).

No Manto da Apresentação há um bordado que se destaca pelo formato arredondado e por seu colorido. Trata-se de uma mandala, que enquanto uma palavra sânscrita significa círculo. No campo da religião e da Psicologia, refere-se a imagens com formato circular, sejam elas desenhadas, modeladas ou apresentadas em uma dança. Elas costumam aparecer, enquanto fenômeno psicológico, em sonhos; em algumas situações de conflito e em casos de Esquizofrenia, quando a visão de mundo torna-se confusa pela invasão dos conteúdos inconscientes (Jung, 2008; Silveira, 1981). No centro desta mandala há um pequeno círculo, do qual partem algumas pontas. De acordo com Silveira (1981), mandalas com pontas representam um tipo de autoproteção contra as ameaças do mundo externo, ou ainda uma defesa para impedir que as forças dissociativas do mundo interno se apoderem do espaço psíquico. Nesse sentido, Arthur Bispo do Rosário estava comunicando através da linguagem artística uma forte necessidade existencial, proteger-se das ameaças apresentadas pelo seu mundo interno e externo.

No avesso desse Manto, encontra-se um fundo branco com bordados em azul, onde aparecem os nomes das escolhidas e dos escolhidos para a salvação do apocalipse. Em geral, percebe-se o predomínio do nome de mulheres em relação aos nomes masculinos, quando esses aparecem se encontram associados ao nome de alguma mulher, como, por exemplo: Maria – Mario; Maria – Manoel; Maria – Arthur (Hidalgo, 1996). Esses nomes estão

dispostos de maneira circular. De acordo com Silveira (1981), trata-se de um fenômeno comum nas obras de pacientes esquizofrênicos. O modelo de imagem circular, a partir de um ponto central, com o qual as coisas se relacionam, ou onde se arranjam elementos contraditórios; compensa a desordem e a confusão do estado psíquico. Trata-se pois, de uma tentativa de autocura originada de um impulso instintivo (Jung, 2008; Silveira, 1981). Essa análise confirma a hipótese de que a arte funcionava não apenas como uma linguagem para Arthur Bispo do Rosário, mas também como uma espécie de autoterapia, através da qual buscava um equilíbrio para a sua realidade.

Japarutuba era uma cidade eminentemente católica durante a juventude de Arthur Bispo do Rosário. Por esta razão, ele conviveu com os rituais da igreja, com as procissões e as leis Bíblicas. Essa forte influência religiosa encontra-se inclusive, como foi dito anteriormente, em partes do seu nome, a saber: Bispo e Rosário. Em virtude de tais considerações, é possível afirmar que a influência religiosa, folclórica e cultural foram marcantes nas suas obras e no seu delírio. Tanto o padre (nas procissões religiosas) quanto o Rei Mouro (no Reisado) vestiam-se com grandiosos mantos e seguravam cetros. Dessa forma, percebe-se que o próprio Manto da Apresentação pode representar uma influência de tais aspectos. Os seus delírios, por sua vez, possuíam conteúdo místico e de grandeza, uma vez que Arthur Bispo do Rosário se considerava Cristo, o Rei dos Reis e filho de Maria Santíssima (Dantas, 2009).

Arthur Bispo do Rosário trabalhou por um período de sua vida na Marinha. Esse momento da sua biografia pode apontar para o arquétipo do aventureiro. Tal arquétipo remete àquele que leva a vida como um caminho permeado pelo acaso e onde não se sabe qual será o fim. Arthur Bispo do Rosário, ex-marinheiro, foi não só um aventureiro, mas também um errante profissional. A forma de vida levada nessa perspectiva tende a expressar um inconformismo tanto em relação ao ser, quanto ao pensar (Dantas, 2009).

O marinheiro enfrenta as águas, o que pode representar um devaneio, um sonho e também a morte, visto que o mar é cheio de mistérios e perigos. Segundo Foucault (1978), um estranho barco passou a habitar a paisagem imaginária do período da Renascença, as Naus. Essas embarcações se tornaram muito comuns na literatura. A Naus dos loucos se tornou não só a mais famosa, como também teve existência real. Esses barcos levavam os loucos de uma cidade para outra. Em virtude disso, naquela época, os insanos levavam uma vida errante. Transportar os loucos de uma cidade para outra se tornou um costume em várias cidades europeias. Nuremberg na Alemanha, por exemplo, escorraçou uma série de loucos para longe de suas terras. Ao entregar os loucos aos marinheiros, acreditava-se que eles não ficariam vagando pelas cidades, e garantia-se que estariam longe (Dantas,

2009; Foucault, 1978).

A água e a navegação tem realmente esse papel. Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o passageiro por excelência, o prisioneiro da passagem (Foucault, 1978, p.12).

Nesse trecho, Foucault (1978) explicita que nessa viagem com caráter de peregrinação, os navios representavam os insanos à procura da razão. Ao embarcar nas naus, os loucos se tornavam prisioneiros de sua própria partida, embora se encontrassem na mais aberta de todas as estradas: o mar. Arthur Bispo do Rosário desde muito jovem levou uma vida errante, pois saiu cedo de sua terra natal e foi buscar oportunidades de trabalho no Rio de Janeiro, longe dos seus antigos referenciais. Percebe-se que ele estava completamente livre e por isso, permitiu-se transitar entre diferentes meios e formas de ser. Aparentemente, Arthur Bispo do Rosário procurava se encontrar e se diferenciar das outras pessoas. Imerso no caos da sua realidade, enfim, começou a buscar sua razão e apaziguamento psíquico através da sua arte. Assim, ele conseguiu transformar sua dor existencial não apenas em sintomas psicóticos, mas em beleza através de suas obras.

Arthur Bispo do Rosário confeccionou seu Manto durante anos, com o objetivo de vesti-lo no dia do juízo final. Enquanto esperava a sua morte, realizava o minucioso trabalho de bordar e costurar as franjas. Percebe-se que a sua tentativa de recriar as coisas do mundo pode ter sido uma forma de afirmar sua individualidade em relação à finitude humana. Essa atitude demonstra o modo como ele encontrou para transgredir a morte, considerada um interdito na atualidade (Dantas, 2009).

Arthur Bispo do Rosário considerava-se um homem impotente até que às vésperas do Natal teve uma alucinação em que recebia a visita de sete anjos. Este evento contribuiu para o desenvolvimento do delírio místico e de grandeza, uma vez que passou a julgar-se todo poderoso, um representante de Deus que iria recriar o mundo. “Sua impotência perante a vida e, portanto a morte, tornou-se objeto de seu delírio, mas às avessas, ou seja, seu delírio expressava a vontade do sujeito que queria ser soberano” (Dantas, 2009, p.57). Ao tornar-se um criador, Arthur Bispo do Rosário almejava mais que tudo afirmar a sua própria existência. A experiência delirante vivida por ele marcou sua morte simbólica. Arthur Bispo do Rosário destruiu-se enquanto sujeito e regressou ao tempo de origem, para que pudesse iniciar uma nova existência, um novo nascimento simbólico (Dantas, 2009).

As práticas religiosas poderiam tê-lo ajudado a administrar o medo da morte, uma vez que os

conteúdos simbólicos dos rituais religiosos oferecem uma defesa àquele que está perturbado por questões relativas à finitude. A ausência de ritos de passagem pode contribuir para a psicopatologia social contemporânea, ocasionando prejuízos tanto a nível individual quanto coletivo. Arthur Bispo do Rosário, por sua vez, teve uma educação religiosa pautada principalmente pelo catolicismo, que não lhe forneceu apoio suficiente para lidar com o seu conflito. Em virtude disso, criou um sistema simbólico e religioso próprio para administrar suas questões pessoais. A nova religião criada por Arthur Bispo do Rosário teve influência das suas raízes africanas, das culturas negra e indígena – presentes na sua cidade Natal – e da própria história cristã. Ao vestir seu Manto, Arthur Bispo do Rosário profetizava que havia sido escolhido para julgar os bons e os maus, bem como recriar o mundo e apresentá-lo a Deus no dia do Juízo Final. Ao recriar o mundo estava, na verdade, se igualando ao próprio Criador, o que representava também uma transgressão do limite humano (Dantas, 2009).

Bispo, ao criar a sua religião, estava também ritualizando a vida. Esse processo demonstra a forma que ele encontrou para escapar da linearidade do tempo e sua ação corrosiva. Durante os períodos em que se manteve exilado, além de produzir mais intensamente, Arthur Bispo do Rosário imergia em um mundo onde não existiam coordenadas de tempo, nem de espaço. Esse mundo, repleto de obras e materiais para sua reconstrução do mundo, tornou-se seu templo, sua galeria e o seu refúgio. Penetrar no Castelo de Arthur Bispo do Rosário exigia o uso de uma senha. Caso ela fosse decifrada, as portas eram abertas. Todos que desejassem visitá-lo deveriam responder a seguinte pergunta: Qual é a cor da minha áurea? Se a resposta fosse azul, a passagem estava liberada (Dantas, 2009).

Os bordados observados no Manto, além de trazerem a influência das bordadeiras de Japarutuba, remetiam também a cenas e objetos do cotidiano de Arthur Bispo do Rosário. Sabe-se, por exemplo, que ele foi pugilista por um período de sua vida. Essa fase teve sua marca registrada no Manto através da representação de um ringue de boxe. Ao longo dessa vestimenta, se encontram também alguns tipos de navio, os quais remetem a influência do período em que trabalhou na Marinha. Trazendo esses ícones do seu dia a dia e do seu passado, Arthur Bispo do Rosário estava não só catalogando o mundo, mas sua própria história de vida.

Segundo Dionísio (2012), a expressão artística de pacientes esquizofrênicos como Arthur Bispo do Rosário aponta para uma terrível luta contra a angústia provocada por conteúdos do inconsciente. A capacidade de se expressar através da arte fornece desse modo, caminhos para que sejam criados novos mundos habitáveis, ainda que sejam constituídos de delírios e fantasias. Esses novos mundos, por sua vez,

produzem um apaziguamento psíquico que conduz a uma possível autocura. Nesse processo, tenta-se de um lado reestruturar a percepção do mundo exterior; enquanto que por outro, surge a necessidade de estruturar o psiquismo.

Arthur Bispo do Rosário, na sua solidão, não contou com o apoio de facilitadores e, inicialmente, teve que buscar seus materiais nas imediações da Colônia Juliano Moreira. Com pedaços de linha, sucata e muita criatividade recriou o mundo para que fosse apresentado a Deus no dia do Juízo final (Dantas, 2009; Hidalgo, 1996). As autoras Dantas (2009) e Hidalgo (1996) apontam que antes da década de 1970, a forma de funcionamento da Colônia Juliano Moreira não incentivava as práticas artísticas entre os pacientes, ainda que tal prática fosse comum nos hospitais europeus desde o início do século XX e, no caso do Brasil, a partir de 1920 no Hospital Psiquiátrico de Juqueri em São Paulo e, em 1940, no Engenho de Dentro. A Praxiterapia chegou à Colônia por volta da década de 1970, porém Arthur Bispo do Rosário nunca usufruiu desse espaço. Nesse sentido, embora não tivesse acesso ao apoio e afeto catalisador proporcionado por monitores, Arthur Bispo do Rosário encontrou seu alicerce emocional não só através de seus trabalhos, como também na família do Senhor Leone e na figura da estagiária de Psicologia, Rosângela Maria (Corrêa, 2001; Dantas, 2009).

Como relatado anteriormente, enquanto esteve internado na Colônia, Arthur Bispo do Rosário aproveitava a confiança que os funcionários da Colônia tinham por ele e saía do Hospital durante alguns períodos. Nessas ocasiões, costumava ficar hospedado na casa do Senhor Leone, que lhe oferecia moradia, emprego e comida. Arthur Bispo do Rosário aceitava todas essas concessões, exceto o pagamento em dinheiro. Nas andanças entre as suas duas casas, a Colônia e a casa dos Leone, Arthur Bispo do Rosário conseguia mais materiais para cumprir com a sua missão divina. Nessa mesma época, no fundo da casa dos Leone, começava a confecção do Manto da Apresentação (Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Arthur Bispo do Rosário conviveu durante dois anos com a estagiária de Psicologia Rosângela Maria. A estagiária ganhou a confiança e o coração do artista internado. Esse status permitiu que ela não só tivesse acesso às suas obras, como também se transformasse em uma fonte de inspiração. Ele projetava nela a figura da mulher ideal e casta. A estagiária, contudo, tentava trazê-lo a realidade, mostrando o seu papel enquanto estudante naquela Instituição. Durante o período de estágio, ele fez algumas obras a fim de homenageá-la, como por exemplo, a obra nave – leito (Romeu e Julieta), onde planejou encenar a peça de Shakespeare, onde ele seria Romeu e Rosângela, Julieta. Entretanto, essa encenação nunca aconteceu. Assim que o período de estágio acabou, Rosângela foi embora e Arthur Bispo do Rosário não permitiu que

outra pessoa a substituísse (Dantas, 2009; Hidalgo, 1996).

Rosângela exerceu uma forte influência na vida de Arthur Bispo do Rosário. Evidencia-se que ela tenha tido um papel empático proporcionando efeitos terapêuticos positivos (Dantas, 2009; Hidalgo, 1996). Sabe-se que a possibilidade de tratamento do paciente psicótico está na relação de vínculo, que possui duas direções, a saber: do paciente para o terapeuta e, do terapeuta para o paciente. Nesse sentido, o terapeuta ocupa um lugar de destaque, deixando em segundo plano à formação acadêmica, o papel social e às técnicas psicoterápicas. A relação terapeuta-paciente é fortalecida com a remoção da supremacia da técnica e assim, o paciente fica mais vivo e mais humano. Ao se tratar de dois seres humanos em uma relação, o terapeuta deve se reconhecer na sua subjetividade. A relação terapêutica deve se relativizar, pois o terapeuta, estando em contato com a fragilidade do paciente, fica impedido de se colocar distante do paciente hierarquicamente. A dor do outro não só o humaniza, mas também atua como uma fonte de ressonância do inconsciente do outro. Esse movimento traz dados sobre o paciente, bem como se torna um caminho para a mobilização da saúde do mesmo (Motta, 1997).

Foucault (1978), em seu livro *A História da Loucura*, relata através de dados históricos o processo em que os desviados foram sendo excluídos da sociedade. Inicialmente, os primeiros segregados foram os leprosos. Depois que essa doença praticamente desapareceu, iniciou-se a segregação dos portadores de doenças venéreas. Todos àqueles que desagradassem ou pudessem por em risco a ordem social, bem como a moral e os bons costumes, foram pouco a pouco segmentados do convívio em sociedade. Foucault (1978) faz menção ao longo tempo de latência para que os loucos também suscitassem reações de exclusão e purificação na sociedade da época, conforme é explanado no seguinte trecho:

É sob a influência do modo de internamento, tal como se constituiu no século XVII, que a doença venérea se isolou, numa certa medida, de seu contexto médico e se integrou, ao lado da loucura, num espaço moral da exclusão. De fato, a verdadeira herança da lepra não é aí que deve ser buscada, mas num fenômeno bastante complexo, do qual a medicina demorará a se apropriar (Foucault, 1978, p.8).

Arthur Bispo do Rosário – negro, pobre e doente mental – provavelmente carregou o pesado fardo da exclusão e do preconceito. Exilado pela sociedade num Hospital Psiquiátrico, ele decidiu exilar-se também da realidade em que vivia, criando um mundo próprio, sem doenças mentais, psiquiatras e tampouco tristeza. De maneira aparentemente contraditória, na Colônia Juliano Moreira, encontrou o local adequado para cumprir sua missão e ser reconhecido como o escolhido. Na Colônia, obteve o status que não alcançou na sua vida em sociedade, uma vez que

nesse espaço era reconhecido e respeitado como o xerife. Durante o período em que esteve internado, criou também sua própria religião na medida em que reconstruía o mundo (Dantas, 2009).

O ex-marinheiro, esquecido por muitos, foi também esquecido durante grande parte de sua vida pela terra em que nasceu: Japaratuba. Hoje, a cidade busca enaltecer o homem que saiu de lá por volta dos seus quinze anos, sem reconhecimento algum na época. Anos depois de sua morte, sua importância tornou-se notória, inclusive em dimensões mundiais. A obra de Arthur Bispo do Rosário percorre o mundo e emociona a muitos que conhecem sua história e sua obra. Grande parte do seu acervo já percorreu museus nacionais, como o MAM - no Rio de Janeiro - participou de exposições em países como EUA, França, México e Espanha. Suas obras serviram de inspiração para documentários, peças de teatro e filmes. O meio científico, por sua vez, também se interessou por sua vida e obra, o que resultou em teses de mestrado e doutorado. Em 2011, foi fundado em sua homenagem o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea na cidade do Rio de Janeiro, RJ (Borges, 2011; Hidalgo, 1996).

Em meio a esse contexto, a sua cidade natal buscou valorizar a memória do filho ilustre, presenteando a população com uma estátua do artista da terra e com a vinda dos seus restos mortais que foram trazidos do Rio de Janeiro. Essa homenagem, contudo, mostrou-se pouco efetiva, pois a população da cidade não conhecia o homenageado. Essa atitude tomada pela prefeitura de Japaratuba demonstra a tentativa de tornar a pessoa de Arthur Bispo do Rosário um patrimônio cultural. Ainda que seus mais 800 trabalhos tenham alcançado tal reconhecimento artístico, Arthur Bispo do Rosário é mais conhecido no exterior e entre brasileiros mais eruditos. Sendo assim, a biografia desse artista continua sendo desconhecida para a maioria dos sergipanos (Borges, 2011).

### Considerações Finais

Segundo Freud, os artistas e os loucos estão à frente da humanidade (Freud, in Corrêa, 2001). Que posição ocuparia então, Arthur Bispo do Rosário classificado inicialmente como esquizofrênico paranóide pela classe médica e, anos mais tarde; um gênio da arte contemporânea por críticos da arte? Ele driblou as péssimas condições de uma instituição psiquiátrica e através da arte comunicou sua urgência existencial. Um ser humano dotado de tamanha sensibilidade conseguiu transformar a dor em beleza, em uma verdadeira poesia. A poesia dos fios da farda da Colônia, da sucata e do lixo produzido pela mesma sociedade que exclui os diferentes. Arthur Bispo do Rosário, na sua exclusão, excluiu-se a si mesmo da realidade sufocante, do colapso das relações sociais vazias e, no seu templo, reconstruiu o mundo e a si

mesmo.

Como foi exposto ao longo do texto, o presente trabalho objetivou fazer uma análise da vida e parte do acervo de Arthur Bispo do Rosário. Através de tal análise, pode-se fazer uma reflexão sobre a biografia de Arthur Bispo do Rosário e o seu acervo artístico. Percebeu-se que a vida e a obra dele se tornaram tão próximas que muitas vezes não podiam distinguir-se. Entre o caos e o cosmos, ele recriou o mundo conforme os seus desejos e através da sua arte trouxe sentido para a sua vida. Na verdade, ele transformou a sua própria vida em arte.

Depois de sua morte, sua vida e obra ficaram conhecidas ao redor do mundo: seja em museus, através de filmes ou ainda no meio acadêmico. Em virtude da complexidade que se deu a sua história de vida, o seu transtorno psíquico e sua arte, o presente estudo pode servir de inspiração para futuros trabalhos, e que estes possam aprofundar as análises aqui iniciadas.

#### Lista de Referências

Aquino, R. (2011). A quarta epistemé, ilustrada na obra de Bispo do Rosário. Trabalho apresentado na Mesa-redonda Olhares diversos, na Exposição Arthur Bispo do Rosário: o artista do fio realizada na Galeria 1 da caixa cultural. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Borges, T. (2008). Bordados, molduras e poesia: a arte à dor da existência - Arthur Bispo do Rosário. *Eutomia*, 1, 455-467. Acessado de <http://revistaeutomia.com.br/volumes/Ano1-Volumel/literatura-artigos/Telma-Borges UNIMONTES.pdf//>.

Borges, V. T. (2011). Pise forte neste chão, Arthur Bispo do Rosário está de volta: Patrimonialização, biografia e memória na construção de um personagem ilustre. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH. Acessado de [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308158172\\_ARQUIVO\\_ANPUH\\_2011%5B1%5D%5B2%5D.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308158172_ARQUIVO_ANPUH_2011%5B1%5D%5B2%5D.pdf).

Corrêa, M. C. (2001). Arthur Bispo do Rosário - Biografia clínica. Trabalho apresentado no encontro Bispo do Rosário - Vida e Obra: A Arte e a Loucura em debate, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, Juiz de Fora, MG. Acessado de <http://www.abpbrasil.org.br/medicos/publicacoes/revista/arquivos/03Artigo%20Original%20-%203%20Bispo.pdf>.

Dantas, M. (2009). Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio. São Paulo: Editora UNESP.

Dionísio, G. H. (2012). O Antídoto do mal: Crítica da arte e loucura na modernidade brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Figueiredo, A. M. M. (2010). Manto da Apresentação: Arthur Bispo do Rosário em diálogo com Deus. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. Acessado de <http://www.uff.br/cienciadaarte/dissertacoes/2010.pdf>.

Foucault, M. (1978). A História da Loucura. São Paulo: Editora Perspectiva.

Hidalgo, L. (1996). Arthur Bispo do Rosário: O senhor do Labirinto. Rio de Janeiro: Rocco.

Jung, C. G. (2008). Os arquétipos e o inconsciente coletivo. (M. L. Appy; D. M. R. F. da Silva, Trad.). (6ª ed.). Petrópolis: Vozes (Trabalho original publicado em 1976).

Maciel, M. E. (2002). O inventário do mundo: Arthur Bispo do Rosário e Peter Greenaway. *Agulha – Revista de Cultura*, 1-7. Acessado de <http://www.revista.agulha.nom.br/ag31maciel.htm>.

Motta, A. A. (1997). A ponte de madeira: a possibilidade estruturante da atividade profissional na clínica da psicose. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Prefeitura Municipal de Japaratuba. (2009). *Cultura*. Acessado de <http://www.prefeituradejaparatuba.com.br/>.

Pull, C. B. (2005). Diagnóstico da esquizofrenia: uma revisão. In M. Maj & N. Sartorius. *Esquizofrenia* (R. C. Costa, Trad.) (pp. 13-41). (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed Editora. (Trabalho original publicado em 2002).

Razzouk, D. & Shirakawa, I. (2001). A evolução dos critérios da esquizofrenia. In I. Shirakawa, A. C. Chaves & J. J. Mari. *O desafio da esquizofrenia*. São Paulo: Lemos Editorial.

Silveira, N. (1981). *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Tipo Editor Ltda.

Recebido: 01/10/2013  
Última revisão: 16/06/2015  
Aceite final: 25/06/2015

Sobre os autores

**Ana Celma Dantas Lima** - Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: [anadantaslima@yahoo.com.br](mailto:anadantaslima@yahoo.com.br)

**Rejane Lucia Veiga Oliveira Johann** - Psicóloga, Doutora em Psicologia, Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: [rejanejohann@ufs.br](mailto:rejanejohann@ufs.br)